

## A PRODUÇÃO DOS CIENTISTAS SOCIAIS NA IMPRENSA CARIOWA (1940 -1960)

The Production of Social Scientists in the Carioca Press (1940-1960)

La Producción de los Científicos Sociales en la Prensa Carioca (1940-1960)

Ricardo Augusto Galdino Maciel

Doutor em Sociologia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia

Rio de Janeiro, Brasil

[ragmaciel@yahoo.com.br](mailto:ragmaciel@yahoo.com.br)

<https://orcid.org/0009-0003-5248-3147>

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

### RESUMO

Este artigo investiga a presença das ciências sociais nos suplementos literários da imprensa carioca entre as décadas de 1940 e 1960, com o objetivo de compreender como esses veículos atuaram na legitimização pública das disciplinas da área. Partindo da hipótese de que a participação dos cientistas sociais na imprensa foi decisiva para sua consolidação como campo intelectual no Brasil, analisa-se os dados da produção publicada por autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Diégues Júnior em cinco periódicos cariocas de grande circulação. A abordagem metodológica combina levantamento empírico, análise de redes de citação e reflexão teórica inspirada no conceito de sistematização proposto por Antonio Cândido. Os resultados evidenciam que os jornais configuraram um circuito comunicativo central para a constituição de um espaço público de debate, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento das ciências sociais no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciências Sociais na Imprensa. Pensamento Social Brasileiro. Suplementos Literários. Imprensa e Ciências Sociais.

### ABSTRACT

This paper examines the presence of Sociology in the Rio de Janeiro press between the 1940s and 1960s, with the aim of understanding how the newspaper literary supplements contributed to the public legitimization in this field. Based on the hypothesis that the participation of social scientists in the press was crucial to its consolidation as an intellectual field in Brazil, the research analyzes articles published by authors such as Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda and Manuel Diégues Júnior in five Rio de Janeiro periodicals. The methodological approach combines empirical research, citation network analysis, and theoretical reflection inspired by Antonio Cândido's concept of systematization. The results demonstrate that newspapers constituted a central communication circuit for the establishment of a public space for debate, contributing decisively to the development of social sciences in the country.

**KEYWORDS:** Social Sciences in the Brazilian press. Sociology in Brazil. Newspaper Literary Supplements. Press and Social Sciences.

### RESUMEN

Este artículo investiga la presencia de las ciencias sociales en los suplementos literarios de la prensa carioca entre las décadas de 1940 y 1960, con el objetivo de comprender cómo estos medios actuaron en la legitimación pública de las disciplinas del área. Partiendo de la hipótesis de que la participación de los científicos sociales en la prensa fue decisiva para su consolidación como campo intelectual en Brasil, se analizan los datos de la producción publicada por autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda y Manuel Diégues Júnior en cinco periódicos de gran circulación en Río de Janeiro. El enfoque metodológico combina levantamiento empírico, análisis de redes de citación y reflexión teórica inspirada en el concepto de sistematización propuesto por Antonio Cândido. Los resultados evidencian que los periódicos configuraron un circuito comunicativo central para la constitución de un espacio público de debate, contribuyendo de

manera decisiva al desarrollo de las ciencias sociales en el país.

**PALABRAS CLAVE:** Ciencias Sociales en la Prensa. Pensamiento Social Brasileño. Suplementos Literarios. Prensa y Ciencias Sociales.

## 1 INTRODUÇÃO

As décadas de 1940 a 1960 representam um marco decisivo para a consolidação das ciências sociais no Brasil, caracterizado por um intenso processo de institucionalização (Miceli, 1989). Nesse período, multiplicaram-se os cursos universitários, criaram-se os primeiros programas de pós-graduação e estabeleceram-se associações científicas, como a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1955, e a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), em 1950, além de iniciativas voltadas à integração da produção latino-americana, como Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS). Ao mesmo tempo em que se institucionalizava, o campo era atravessado por questões relativas à definição dos objetos e métodos próprios de cada disciplina. Essa segmentação refletia não apenas o processo de especialização acadêmica, mas também a existência de diferentes projetos de modernização para o país.

Embora a expansão das ciências sociais nesse período tenha ocorrido de forma significativa no âmbito acadêmico, é importante destacar que boa parte de sua produção circulou fora dos espaços universitários (Brasil Jr., 2017; Perlato e Maia, 2012). Os processos de institucionalização ocorreram em meio a um contexto de intensas transformações sociais, o que levou os participantes do campo das ciências sociais a engendrar formulações e iniciativas preocupadas com a participação e intervenção nas questões da sociedade brasileira (Villas Bôas, 2007; Perlato, 2016). Nesse sentido, a imprensa periódica — especialmente os suplementos literários de jornais de grande circulação, como *A Manhã*, *Diário de Notícias*, *Diário Carioca*, *Última Hora* e *O Estado de S. Paulo* — constituiu uma das principais plataformas de expressão pública dos cientistas sociais da época (Maciel, 2024).

Tendo em vista a importância da circulação “extra-acadêmica” das ciências sociais, nosso objetivo neste trabalho é evidenciar um circuito de circulação intelectual que, ao extrapolar o ambiente estritamente acadêmico, aproximou as formulações e debates da área ao público em geral, conformando um espaço público essencial para o crescimento da área. Nossa ênfase não recai no estudo das organizações e instituições que participaram desse processo, mas sim sobre os eventos comunicativos que conformaram novas formas de interação entre os especialistas emergentes e os diferentes públicos de seus textos.



De forma mais delimitada, buscamos compreender como os suplementos literários dos jornais cariocas atuaram na construção de um espaço público para as ciências sociais, fornecendo visibilidade, legitimidade e canais de interlocução para os seus praticantes, entre as décadas de 1940 e 1960. Para isso, recuperamos a produção de alguns autores na imprensa, mobilizando um amplo conjunto de dados empíricos — número de artigos, autoria, distribuição temporal e citações — que nos permitiu mapear os contornos desse circuito de circulação. Trata-se, portanto, de um esforço de reconstrução da presença das ciências sociais na imprensa, que, por meio da análise sistemática da produção publicada, contribui para uma compreensão mais ampla e detalhada do próprio processo de sistematização do campo no Brasil.

Para esse propósito, utilizamos o nome de alguns cientistas sociais como termo de busca em cinco periódicos cariocas: *Diário de Notícias*, *A Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Diário Carioca* e *Correio da Manhã*. Esses veículos são mencionados de forma recorrente na bibliografia sobre a imprensa no Rio de Janeiro (Abreu, 2008; Couto, 1992; Ribeiro, 2000), o que garante uma amostra representativa e fidedigna do universo pesquisado. A expressiva concentração da produção dos cientistas sociais nos suplementos, como veremos, justifica o foco desta pesquisa nessa seção específica.

A seleção dos nomes se baseou na busca por contemplar diferentes formas de inserção no campo das ciências sociais, tanto no plano institucional quanto conceitual. Desse modo, foram incluídos na amostra Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Alberto Guerreiro Ramos, Roger Bastide e Manuel Diégues Júnior. Entre eles, alguns assumiram de modo mais enfático a identidade de sociólogo, como Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes; outros, como Sérgio Buarque e Gilberto Freyre, desenvolveram trajetórias intelectuais amplas e menos delimitadas quanto à filiação disciplinar. Já Manuel Diégues Júnior transitou entre a sociologia, a antropologia e o estudo do folclore. É importante destacar que neste trabalho não estamos buscando destacar as possíveis clivagens e disputas em torno das definições relativas à prática das ciências sociais. Nosso intuito é reconstituir um debate que envolve múltiplos atores, com diferentes características, que participaram da circulação pública da área.

O mapeamento da produção foi realizado por meio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, plataforma que permite pesquisas em grandes volumes de textos a partir de palavras-chave. A busca foi computada manualmente e sistematizada em um banco de dados estruturado por autor, tipo de ocorrência (citação ou autoria), nome do citante (nos casos de citação), periódico, data da publicação e seção do jornal. Nossa

abordagem metodológica baseou-se na leitura atenta do material e na anotação manual dos resultados, sem o uso de técnicas automatizadas de processamento de dados em larga escala.

Na sequência, apresentamos os resultados, estruturando o texto em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. Na seção 2, detalhamos os dados relativos à produção dos cientistas sociais na imprensa, indicando o número de publicações por autor e periódico, bem como a distribuição temporal dessa produção por décadas. Ainda nessa seção, fazemos um esforço analítico para conectar os números da produção nos jornais aos principais temas em debate no campo das ciências sociais. Na seção 3, analisamos a dinâmica do circuito de comunicação formado pelos jornais, a partir dos dados sobre as citações aos autores pesquisados. Por fim, nas considerações finais, destacamos novas possibilidades de investigação e refletimos sobre os legados da participação pública dos cientistas sociais de meados do século XX, questionando sobre as possibilidades atuais de inserção no debate público.

## 1 A PRODUÇÃO DOS CIENTISTAS SOCIAIS NA IMPRENSA

Os dados apresentados abaixo permitem dimensionar a presença das ciências sociais na imprensa, assinalando a centralidade dos jornais diários na circulação da área. Mais do que estabelecer rankings ou medir projeções individuais, a análise quantitativa visa identificar padrões de um circuito intelectual. No total, identificamos 981 artigos assinados pelos autores pesquisados, incluindo todas as seções dos jornais. Desse montante, 825 (84%) foram publicados nos suplementos literários (Quadro 1).

Quadro1: Total de autorias nas demais seções x autorias nos suplementos (1940 – 1960)

	5	172	177
<b>Sérgio Buarque</b>	5	172	177
<b>Gilberto Freyre</b>	142	168	310
<b>Florestan Fernandes</b>	0	0	0
<b>A. Guerreiro Ramos</b>	2	32	34
<b>Roger Bastide</b>	0	29	29
<b>Manuel Diégues JR</b>	7	424	431
<b>Total</b>	156	825	981

A predominância dos suplementos nos resultados obtidos indica que eles foram espaços privilegiados de circulação dos cientistas sociais no contexto da imprensa. Nesse ponto, vale mencionar brevemente a história desses cadernos, fundamentais para a vida cultural de meados do século XX. As décadas de 1940 e 1950 marcaram um momento verdadeiramente revolucionário para a imprensa brasileira, caracterizado pela transformação dos jornais em empresas jornalísticas de estruturas complexas (BARBOSA, 2007). Observa-se, nesse período, uma reformulação que abrangeu desde a concepção, produção e distribuição de notícias até a profissionalização dos jornalistas, as formas de financiamento e os quesitos gráficos e editoriais.<sup>1</sup> De maneira geral, essas alterações estão relacionadas a uma mudança do eixo de influência, com a adoção do modelo jornalístico norte-americano, tido como mais objetivo, em detrimento do modelo tradicionalmente praticado no Brasil, que era mais literário e opinativo, seguindo a inspiração francesa (Abreu, 2008; Ribeiro, 2000; Barbosa, 2007). Segundo Silviano Santiago (1993, p. 13), a mudança na linguagem alterou também o espaço reservado para a literatura: "*o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial o suplemento literário*". Nessa mesma linha, Lorenzotti (2007, p. 59) lembra que "*definitivamente, o espaço reservado à Literatura na grande imprensa diminuiu, e deslocou-se para os suplementos literários.*"

Além da literatura, esses espaços configuravam-se também como veículos importantes para a divulgação de outras áreas e disciplinas, entre elas as ciências sociais. Na avaliação de Couto (1992), os suplementos literários cumpriram o papel de conectar a produção intelectual a um público mais amplo de consumidores dos bens culturais, sobretudo diante da carência de publicações especializadas. Desse modo, também ajudaram a suprir as demandas relativas à circulação dos conteúdos entre o público mais especializado.

A baixa presença das publicações especializadas é um fato relevante no contexto carioca, pois em certa medida, ajuda a explicar o direcionamento da produção para veículos como os suplementos, muito mais frequentes<sup>2</sup>. No Rio de Janeiro, a existência de revistas especializadas em ciências sociais, como a *Revista Educação e Ciências Sociais*, do CBPE, a *Revista do ICS/UB* e a revista *América Latina* (CLAPCS), é mais tardia. As revistas

<sup>1</sup>Esse processo de modernização da imprensa brasileira foi abordado por diversos trabalhos, como (Ferreira, 1993), (Mesquita, 2020), (Ribeiro, 2000), (Abreu et al, 2008) e (Barbosa, 2007).

<sup>2</sup> Posteriormente, emulando o cenário carioca, foi criado um suplemento literário, mas, a rigor, muito mais nos moldes das ciências sociais do que no formato híbrido e generalista dos críticos e escritores tradicionais Suplemento Literário do Estado de São Paulo

especializadas circulavam mais em São Paulo, o que evidencia algumas diferenças relevantes entre os cenários institucionais das ciências sociais nas duas cidades.<sup>3</sup> Alcantara Silveira, que mantinha no suplemento *Letras e Artes* uma coluna dedicada exclusivamente a divulgar a produção intelectual paulista, confirma essa percepção em uma nota intitulada “Sociologia”:

Existem em São Paulo algumas publicações bissextas, como a “Revista do Museu Paulista”, o “Boletim Bibliográfico” da Biblioteca Municipal e “Sociologia”, órgão da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. A gente até esquece que existem essas publicações quando um belo dia surgem elas escondidas e meios envergonhadas nos balcões das livrarias. (Silveira, 1948, p.10).

Brasil Jr (2017) argumenta que a natureza mais heterogênea e multifacetada da institucionalização da sociologia no Rio de Janeiro abriu a possibilidade para que os recursos da disciplina fossem acionados em diferentes contextos institucionais e burocráticos, capilarizando uma variada gama de influências. A imprensa, por sua natureza, proporcionava um ambiente propício para as discussões correntes das ciências sociais, configurando jornais e revistas como veículos de um processo de mobilização de recursos simbólicos e intelectuais que foi viabilizando a criação de um espaço público para a área. Assim, tudo indica ter havido uma estratégia inicial de ocupação dos espaços disponíveis de publicação, independentemente de quais fossem esses meios.

É nesse sentido que temos proposto uma abordagem que comprehende a presença dos cientistas sociais na imprensa como parte de um processo mais amplo de criação de um espaço público para os saberes da área. Argumentamos ainda que essa relação não se limitou ao debate público, mas representou importantes consequências para a sistematização dos saberes do campo. Inspirando-se na noção de "sistema literário" proposta por Antonio Cândido (2006; 2007), assumimos que a sociologia, tal como a literatura, constrói-se como uma totalidade estruturada por obras, autores, instituições, leitores e formas específicas de interlocução. Transposta para o campo das ciências sociais, essa concepção permite entender a disciplina como um sistema intelectual em formação, cujas regras de funcionamento foram sendo elaboradas em meio a práticas discursivas heterogêneas — entre elas, a escrita para a imprensa (Maciel, 2024).

A distribuição da produção nos suplementos contribui para compreender a formação desse circuito.

---

<sup>3</sup> Sobre as revistas científicas e o suplemento literário de O Estado de São Paulo Cf Jackson (2004)

Tabela 1 – Distribuição das autorias nos suplementos por periódico (1940 – 1960)<sup>4</sup>

	Sérgio Buarqu e de Holanda	Gilberto Freyre	Guerreir o Ramos	Floresta n Fernand es	Roger Bastide	Manuel Diégues Jr.	Total
<b>Diário de Notícias</b>	76	154	14	0	4	403	651
<b>A Manhã (1946-54)</b>	0	4	7	0	25	10	46
<b>Jornal do Brasil</b>	0	1	10	0	0	11	22
<b>Diário Carioca</b>	95	5	1	0	0	0	101
<b>Correio da Manhã</b>	1	4	0	0	0	0	5
<b>Total</b>	172	168	32	0	29	424	825

A distribuição da produção entre os autores e periódicos revela uma disparidade expressiva em termos volume de publicações, com destaque para Manuel Diégues Júnior, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Manuel Diégues foi o autor mais prolífico, com 424 artigos, o que representa um pouco mais da metade do total. A manutenção regular da coluna *Folclore e História* ao longo de quase toda a década de 1950, no suplemento literário do *Diário de Notícias*, foi o que garantiu essa expressiva produção. Sua atuação contribuiu de forma significativa para a consolidação de um debate em torno da possível científicidade e autonomia das pesquisas sobre o folclore, como iremos abordar adiante (Maciel, 2024).<sup>5</sup>

Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre também tiveram uma presença significativa, com 172 e 168 artigos, respectivamente. Ambos eram colaboradores frequentes dos órgãos da imprensa desde a década de 1920.<sup>6</sup> Schneider (2023) assinala

<sup>4</sup>O suplemento *Letras e Artes*, do jornal *A Amanhã*, teve duração mais curta, circulando entre 1946 e 1954. Optamos por não estabelecer essa diferenciação, pois nosso interesse neste trabalho se relaciona aos padrões gerais na imprensa e não a cada suplemento de maneira específica.

<sup>5</sup>Sobre o “movimento folclórico” Cf. Vilhena (1997) e Cavalcanti e Vilhena (1990).

<sup>6</sup>Alguns dos textos publicados por Sérgio Buarque na imprensa foram reunidos em coletâneas pelo próprio autor, dando origem aos livros *Cobra de vidro* (1944) e *Tentativas de mitologia* (1979). Outros autores também realizaram este trabalho de compilação dos textos de Sérgio Buarque para a imprensa, como Maria Odila Silva Dias, “Sérgio Buarque de Holanda, historiador” (1985); Francisco de Assis Barbosa, “Raízes de Sérgio Buarque de Holanda” (1988); Antônio Cândido, “Capítulos de literatura colonial” (1991); Antônio Arnoni Prado,

que a participação de Freyre em periódicos diversos fazia parte de uma estratégia de carreira, inclusive em termos financeiros, uma vez que, diferentemente de muitos de seus contemporâneos, ele não se inseriu nos quadros do funcionalismo público.

Alberto Guerreiro Ramos publicou 32 artigos e Roger Bastide, 29. Já Florestan Fernandes não teve publicações nos periódicos pesquisados. Essa ausência, embora esperada em certa medida, evidencia os limites da circulação da sociologia paulista no tipo de ambiente intelectual carioca que os suplementos permitem radiografar. Sua inclusão na amostra, nesse sentido, funcionou como um contraste. Esses autores, contudo, possuem um histórico de colaboração com a imprensa mais amplo do que os dados aqui apresentados revelam. Guerreiro Ramos escreveu para diversos jornais desde o final dos anos 1930, antes mesmo de sua formação como sociólogo, e chegou a cogitar uma carreira como escritor e poeta (Azevêdo, 2006). Florestan Fernandes, por sua vez, ainda na década de 1940, foi colunista da *Folha da Manhã* e, posteriormente, do suplemento literário de *O Estado de São Paulo* (Brasil, Jr, 2018). Já Roger Bastide contribuiu com textos voltados sobretudo à crítica literária, publicados em jornais do Brasil e da França (Amaral, 2010).

Outros intelectuais, como Arthur Rios, Evaristo de Moraes Filho e Luiz Aguiar da Costa Pinto, também tiveram participação na imprensa, embora de forma menos frequente nos jornais analisados. No caso de Arthur Rios, que abordou temas ligados à reforma agrária, sua colaboração com o *Diário de Notícias*, ao longo da década de 1950, ocorreu fora do suplemento literário, razão pela qual não foi incluído no corpus principal. Ainda assim, sua presença reforça a relevância da imprensa como arena estratégica de participação nas questões que agitavam o debate público e na difusão e legitimação das ciências sociais no Brasil.

Em relação aos periódicos, a análise quantitativa também revela disparidades notáveis. Alguns suplementos se destacaram como plataformas privilegiadas, enquanto outros apresentaram participação mais discreta. O *Diário de Notícias*, jornal de maior tiragem da época, desonta como o principal veículo de circulação da produção analisada, com 651 dos 825 artigos, dado que evidencia sua centralidade na divulgação das ciências sociais no período. Como mencionado, esse protagonismo se deve, em grande parte, à intensa colaboração de Manuel Diégues Júnior, seguido por Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

---

"O espírito e a letra" (1996); e Marcos Costa, "Para uma nova história: Textos de Sérgio Buarque de Holanda" (2004) e "Escritos coligidos" (2011).

No suplemento do *Diário Carioca*, segundo em número de publicações, a principal atuação foi de Sérgio Buarque de Holanda. O suplemento *Letras & Artes* (L&A), do jornal *A Manhã*, apresenta um volume menor, com 46 artigos, tendo Roger Bastide como principal colaborador. A relevância desse suplemento no cenário cultural da época, todavia, torna essa quantidade mais expressiva, especialmente se considerarmos sua curta duração, publicado apenas entre 1946 e 1954. Já no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, a presença de textos dos cientistas sociais é ainda mais modesta, contando com poucos textos de Gilberto Freyre e Diégues Júnior. Por fim, o suplemento do *Correio da Manhã* apresenta uma participação bastante limitada, com apenas cinco artigos identificados.

Um ponto importante, mas que será mencionado de forma muito abreviada neste trabalho, diz respeito à orientação política dos jornais. De uma maneira geral, os periódicos cariocas oscilavam entre um oficialismo aliado a governos com tendência autoritária e uma oposição igualmente conservadora a esses governos (Ribeiro, 2003). Couto (1992), por exemplo, assinala que o suplemento do *Diário de Notícias* foi um veículo para ideias conservadoras e anti-varguistas, que mesmo na área de ciências sociais, enfatizou um viés tradicionalista, representado pelos estudos de folclore. Já *A Manhã*, desde sua criação, teve forte inclinação getulista e serviu muitas vezes aos desígnios ideológicos e propagandistas do Estado Novo (Demarchi, 1992). As linhas editoriais dos jornais indicam que a participação dos cientistas sociais na imprensa se ajustou, em maior ou menor grau, a certos conflitos políticos existentes na sociedade, mesmo quando esta adesão não fosse tão explícita.

Os números que estamos apresentando não expressam uma uniformidade nem um crescimento contínuo da produção ao longo dos anos. No período considerado, observaram-se variações significativas tanto na quantidade geral de artigos publicados (gráfico 1) quanto na participação de cada autor (gráfico 2).

Gráfico 1 - Distribuição do total de artigos por década

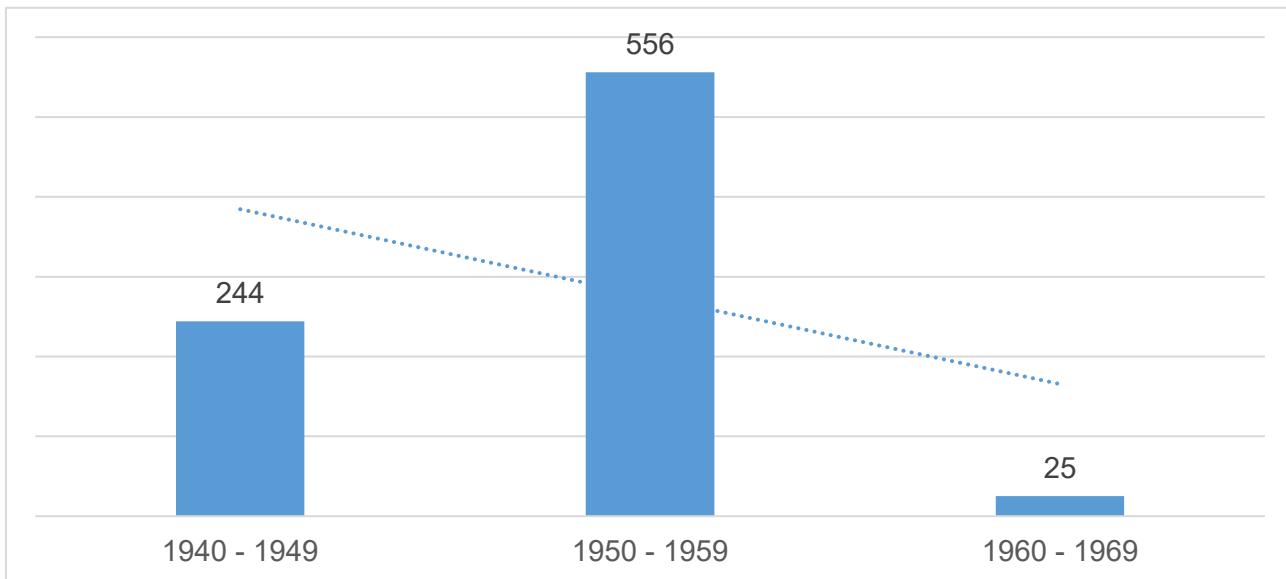
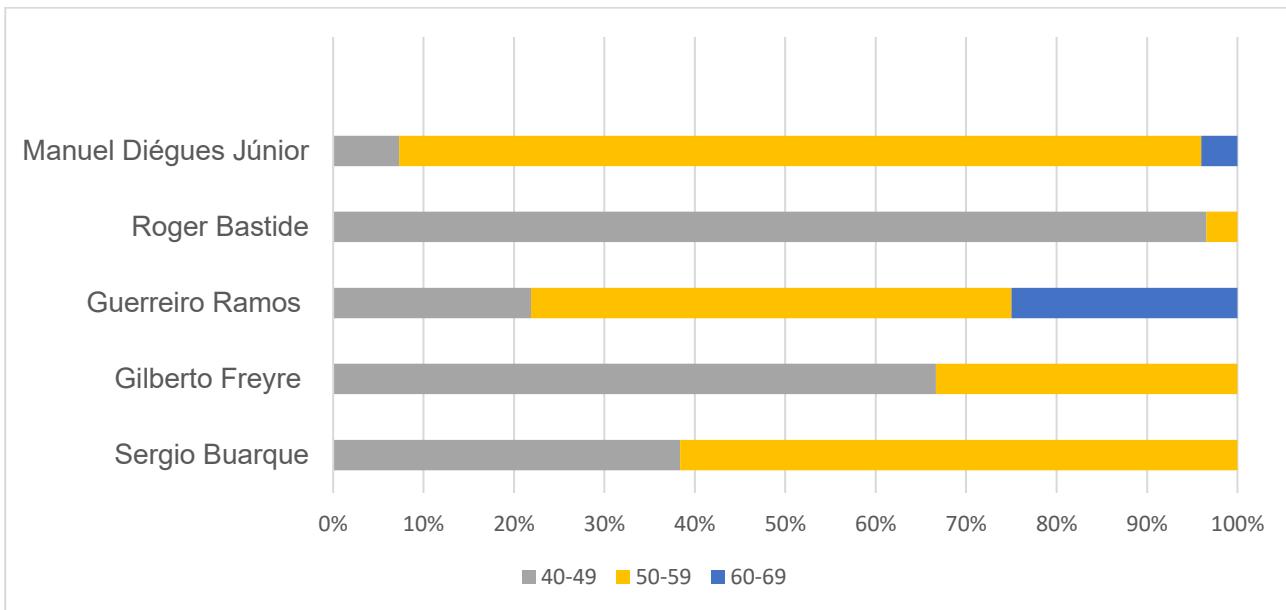


Gráfico 2 - Distribuição da produção dos autores por década



A distribuição das autorias por década revela uma desigualdade notável, com grande concentração na década de 1950, período em que foram publicados 556 textos, 67,39% do total do corpus. Entre 1940 e 1949, foram identificadas 244 autorias, equivalente a 29,58% do total, enquanto na década de 1960 observa-se uma queda drástica, com apenas 25 autorias, ou 3,03% do conjunto analisado. Os dados também evidenciam a participação desigual dos autores em cada uma dessas fases. Na década de 1940, Gilberto Freyre destacou-se como o mais prolífico; nos anos 1950, predominam Manuel Diégues Júnior e Sérgio Buarque de Holanda.

A concentração da produção na década de 1950 pode ser atribuída a uma combinação de fatores, intimamente relacionados à formação do circuito de circulação que

estamos buscando delinear. Em primeiro lugar, destaca-se o auge de prestígio e popularidade dos suplementos nesse período. Outro elemento decisivo é o ambiente de valorização das ciências sociais. A crescente demanda por diagnósticos sobre a sociedade brasileira por parte de governos, agências internacionais como a UNESCO<sup>7</sup> e instituições de fomento, conferiu às disciplinas da área uma visibilidade pública inédita (Villas Bôas, 2007; Brasil Jr., 2017). No caso da produção em livros, por exemplo, Villas Bôas (2007) identifica um crescimento consistente na publicação de todas as disciplinas das ciências sociais, sobretudo a sociologia.

Essa expansão da disciplina esteve diretamente relacionada à participação pública de seus praticantes. Karl Mannheim (2004), cujo pensamento teve ampla recepção entre os sociólogos brasileiros de meados do século XX, afirma que a marca do intelectual moderno é a busca de identificações e participação nas tensões e polaridades de sua sociedade. Não surpreende, portanto, que sua obra tenha encontrado grande recepção entre os sociólogos brasileiros, que se apropriaram de sua obra em diferentes sentidos (Villas Bôas, 2006a, 2006b).

A concentração da produção na década de 1950 reflete também as dinâmicas internas do campo das ciências sociais, articulando os debates disciplinares com os temas presentes nos suplementos.<sup>8</sup> A atenção dada a assuntos como o folclore e a crítica literária, amplamente tratados nos artigos dessa época, evidencia a maneira pela qual os cientistas sociais negociavam as fronteiras disciplinares, experimentando novas formas de atuação e inserção pública.

Os anos 1950 foram marcados por uma intensa mobilização dos estudiosos do folclore, impulsionados em grande parte pela orientação da UNESCO no pós-guerra, que preconizava o papel do folclore na construção da paz entre as nações (Vilhena, 1997). Esses esforços cristalizaram-se na criação da Comissão Nacional do Folclore (CNFL), em

---

<sup>7</sup> Sobre o Projeto Unesco cf. Maio (1999).

<sup>8</sup> No escopo deste trabalho, optamos por enfatizar os dados quantitativos relativos à produção e às citações aos nomes dos autores pesquisados, uma vez que o objetivo central é evidenciar a formação de um ambiente comunicacional. A categorização temática, embora de grande relevância — pois permite compreender como os saberes das ciências sociais foram mobilizados na imprensa —, demanda um esforço analítico próprio, que extrapola os limites deste artigo. A complexidade da tarefa de classificação decorre da variedade de temas tratados, da recorrente sobreposição de assuntos e do caráter não especializado dos textos voltados ao público geral. Esse desafio foi enfrentado em outro estudo mais abrangente (Maciel, 2024), no qual desenvolvemos um sistema classificatório capaz de lidar com a heterogeneidade e a fluidez temática da produção dos autores investigados. No presente trabalho, utilizamos essa classificação apenas como referência, com o intuito de assinalar a correspondência entre os momentos de produção mais volumosa nos jornais e os debates mais amplos em curso no campo das ciências sociais.

1947, e na realização dos Congressos de Folclore<sup>9</sup>, conjunto de iniciativas que culminou na Campanha Brasileira de Defesa do Folclore, em 1958. Luís Rodolfo Vilhena (1997) destaca que, além da proteção das tradições, o grupo dos folcloristas almejava o reconhecimento do folclore como saber científico, considerando a institucionalização da disciplina fundamental, embora não nos moldes de uma instituição acadêmica tradicional. Nesse contexto, a CNFL, presidida por Renato Almeida, expandiu a rede institucional do movimento por meio do envolvimento de colaboradores não especializados.

O Movimento Folclórico encontrou nos suplementos literários um espaço privilegiado de afirmação e rotinização de suas ideias. Membro atuante do grupo, Manuel Diégues Júnior publicou centenas de textos abordando os fundamentos teóricos e metodológicos do folclore, evidenciando uma preocupação contínua com a consolidação da área como disciplina científica. Artigos como “Os dois Folclore” (1953a), “O Fato Folclórico” (1953b), “Terminologia das Ciências Sociais” (1955) e “Folclore e Ciências Sociais” (1957) ilustram com clareza esse esforço de articulação entre produção intelectual e legitimação pública, como ressalta a seguinte passagem:

Não se desdobra o Folclore de colocar-se entre as disciplinas do mundo social; e neste ocupa uma posição que o situa no mesmo pé de igualdade, no mesmo campo de interesse, na mesma compreensão científica das demais disciplinas: da Sociologia ou da História, da Antropologia ou da Psicologia, da Economia ou da Etnologia. (...) e isto porque as ciências sociais não vivem isoladas ou estanques, mas interdependentes ou interrelacionadas. (Diégues Júnior, 1957, p.1)

Segundo Mariza Peirano (1992), a estratégia dos folcloristas gerou resultados contraditórios, pois o esforço para que a área se firmasse de maneira científica se chocou com práticas de pesquisa consideradas demasiadamente empíricas e carentes de sistematização teórica. Dessa forma, os estudiosos do folclore enfrentaram obstáculos significativos na busca por autonomia disciplinar, sobretudo por parte da sociologia paulista, cuja hegemonia no campo das ciências sociais pode ser identificada como uma das causas da marginalização dos estudos de folclore (Cavalcanti e Vilhena, 1990).

O confronto entre a “escola paulista de sociologia” representada por Florestan Fernandes, e os folcloristas da CNFL revela um debate entre dois modelos distintos de ciência, cada um marcado por diferentes projetos de “modernização” para o Brasil (Garcia, 2001; 2002). Alzira Alves Abreu (2008) argumenta que a presença do folclore nos

---

<sup>9</sup> O Congresso teve edições em 1951, 1953, 1957 e 1959. Ainda dentro desse contexto, houve o Congresso Internacional do Folclore, em 1954, além dos encontros regionais.

suplementos deve ser compreendida a partir do choque entre a tradição e a modernidade. Além disso, ela argumenta que os folcloristas se viam rejeitados por seus pares das ciências humanas, o que os levou a procurar nos suplementos uma forma de divulgação de seus trabalhos e de legitimação no meio intelectual.

Nossa hipótese, entretanto, sugere que os suplementos literários atendiam às expectativas desses intelectuais, oferecendo um modelo de inserção orientado para o grande público. Nesse sentido, os suplementos podem ser lidos como suportes estratégicos de comunicação e convencimento em torno de um projeto específico de ciência e cultura. Além disso, como temos argumentado, os espaços acadêmicos tradicionais, institucionais ou de publicação, eram relativamente escassos, de modo que boa parte dos cientistas sociais recorriam à imprensa como forma de divulgar sua produção.

Por meio de sua produção, Manuel Diégues, destacou-se como um divulgador central do folclore, contribuindo, ainda que de modo oblíquo, para a sistematização das disciplinas das ciências sociais, sem que para isso estivesse localizado de forma inequívoca em nenhuma delas. No último artigo de sua coluna, em 1960, ele faz um balanço de sua trajetória, avaliando os esforços empreendidos ao longo da década de 1950. No texto, Diégues destaca a relevância de sua interlocução com um público amplo e diversificado, evidenciando a construção de um espaço público, entendido como elemento essencial nos processos de sistematização das ciências sociais:

Estamos hoje, aqui, encerrando êstes sete anos, que procuramos manter de fidelidade contínua menos a nós próprios que aos leitores que nos honravam com suas leituras. Procurando informar, divulgar o que há em matéria de folclore, comentar os fatos históricos, noticiar livros de interesse nesses dois setores disciplinares, a preocupação era o leitor. (...) Sei, modéstia à parte, que estes foram muitos. Muitos me honraram com cartas, com telegramas, com consultas. Quantas crônicas não eram simplesmente informação ou resposta a uma consulta que me faziam? (Diégues Júnior, 1960, p.1).

Outro tema que contribuiu para o aumento dos números da produção nos anos 1950, e que também é marcado pela posição fronteiriça no rol dos saberes acadêmicos, é a crítica literária. O trânsito entre a literatura e as ciências sociais foi experimentado, de uma forma ou de outra, por muitos dos praticantes das ciências sociais no período, incluindo autores não contemplados em nossa pesquisa, como Antonio Cândido e Sérgio Milliet. Ao mesmo tempo em que se consolidava como um campo de especialização, a crítica literária



mantinha interfaces com outras práticas discursivas e disciplinas, como a história, a filosofia e a sociologia, dando origem a verdadeiros “destinos mistos” (Pontes, 1998).<sup>10</sup>

A produção de Sérgio Buarque de Holanda nos suplementos literários evidencia essa dinâmica. Por meio de uma escrita que transitava entre crítica e análise social, ele mobilizou conceitos e referências inseridos em uma abordagem histórica e sociológica da cultura brasileira. Suas reflexões sobre a atividade crítica estão evidentes em diversos textos, como na passagem a seguir, extraída do artigo “Universalismo e provincianismo na crítica”, dedicado a avaliar a obra de Alceu Amoroso Lima:

A crítica verdadeiramente fecunda há de considerar a obra literária não apenas na sua aparência exterior, como produto acabado e estanque, mas se possível e se preciso, partir do processo de reformação e criação. Terá de incluir, por isso mesmo, e largamente, elementos extraídos da história (e da biografia), da psicologia, da sociologia, onde e quando se achem disponíveis, sem precisar confundir-se forçosamente com qualquer dessas disciplinas. [...] A análise pormenorizada da obra de arte é sem dúvida uma necessidade no terreno da crítica, mas desconfiamos da tendência para torná-la a única forma permitida de crítica, assim como desconfiamos dos críticos que parecem incapazes de apreender, independentemente e vigorosamente, os modos pelos quais os temas que abordam se relacionem com o resto da atividade humana (Holanda, 1948, p.1, grifo nosso).

Nosso grifo ressalta que, para Sérgio Buarque, a crítica literária deveria se valer das demais ciências humanas para situar a obra dentro de seu contexto histórico e social, recusando abordagens que a tratasse como um objeto fechado e isolado. Para ele, cada criação literária só poderia ser plenamente compreendida ao considerar os processos culturais, sociais e históricos que a atravessam, evitando julgamentos puramente formais ou estéticos. A obra literária, em sua visão, não existia de maneira autônoma; sua análise exigia reconhecer a relação intrínseca entre forma e conteúdo, entre expressão artística e realidade social. Assim, a crítica se configurava como uma prática interpretativa que integrava dimensões históricas, sociais e estéticas, permitindo apreender não apenas o valor estético da obra, mas também seu significado dentro dos processos culturais e intelectuais mais amplos.

A crítica literária realizada por cientistas sociais como Sérgio Buarque de Holanda revela a tensão entre a tradição “impressionista” e a emergência de um discurso mais especializado (Serrano, 2016; 2022). Nesse sentido, os seus textos são sintomáticos do próprio processo de especialização pelo qual passava o campo científico, processo muito

---

<sup>10</sup> Cf Heloisa Pontes (1998).

bem radiografado pelos artigos nos jornais. A análise desses cruzamentos nos ajuda a compreender como as disciplinas foram, aos poucos, adquirindo uma linguagem própria, diferenciando-se de outras práticas discursivas e afirmando-se enquanto saberes sistematizados.

Por outro lado, a crítica funcionou como um meio privilegiado de interlocução entre saberes, oferecendo uma arena em que as ciências sociais puderam exercer sua vocação interpretativa, dialogando com outras formas de conhecimento e contribuindo para a configuração de um circuito intelectual mais amplo. Em textos como “Novos Rumos da Sociologia” (1948), “A Sociedade Tupinambá” (1949) e “A propósito de ingleses no Brasil” (1949) Sérgio Buarque abordou os trabalhos mais recentes dos sociólogos e cientistas sociais, dialogando com suas práticas. Ao dar suporte a esses debates, os suplementos foram, simultaneamente, meios fundamentais de estabelecimento de critérios de produção científica e de formação de um circuito de comunicação que conformou um espaço público para as ciências sociais.

Voltando à distribuição da produção por décadas e relacionando esses dados à trajetória das ciências sociais, observa-se que os anos 1960 foram marcados por um refluxo acentuado na publicação de artigos na imprensa. Essa retração expressa uma série de mudanças homólogas entre o espaço dos suplementos e o ambiente das ciências sociais.

No caso da imprensa, o enfraquecimento dos suplementos literários reflete a perda de centralidade do jornal como instância de divulgação e rotinização das ideias intelectuais de maneira ampla. O fechamento do *Diário Carioca*, em 1965, e a extinção do *Letras & Artes*, de *A Manhã*, em 1956, são indícios claros dessa transição. À medida em que uma nova configuração se impunha, uma linguagem distinta se afirmava, dando prioridade à notícia em detrimento da opinião. Esse deslocamento marcou um novo estágio do jornalismo, no qual o formato dos suplementos não se ajustava. Intelectuais, escritores, poetas e artistas foram cedendo lugar ao jornalista especialista.

No que diz respeito às dinâmicas “internas” do campo das ciências sociais, a diminuição da presença de seus praticantes na imprensa pode ser entendida à luz do processo de especialização disciplinar e da crescente institucionalização acadêmica da área, atestada pelo fortalecimento dos cursos de pós-graduação. Esses fatores redirecionaram a produção para circuitos especializados, como revistas científicas e livros, enfraquecendo a vocação de interlocução mais ampla característica dos suplementos. Nos anos 1960, diversos processos contribuíram para desembaraçar os circuitos comunicativos que os suplementos haviam, até então, deliberadamente misturado. Com a consolidação



dessa mudança, as fronteiras tornaram-se mais nítidas, reduzindo o espaço tanto para os suplementos quanto para formas de conhecimento consideradas “impressionistas”, “generalistas” ou “não científicas”.

## 2 REDE DE CITAÇÕES

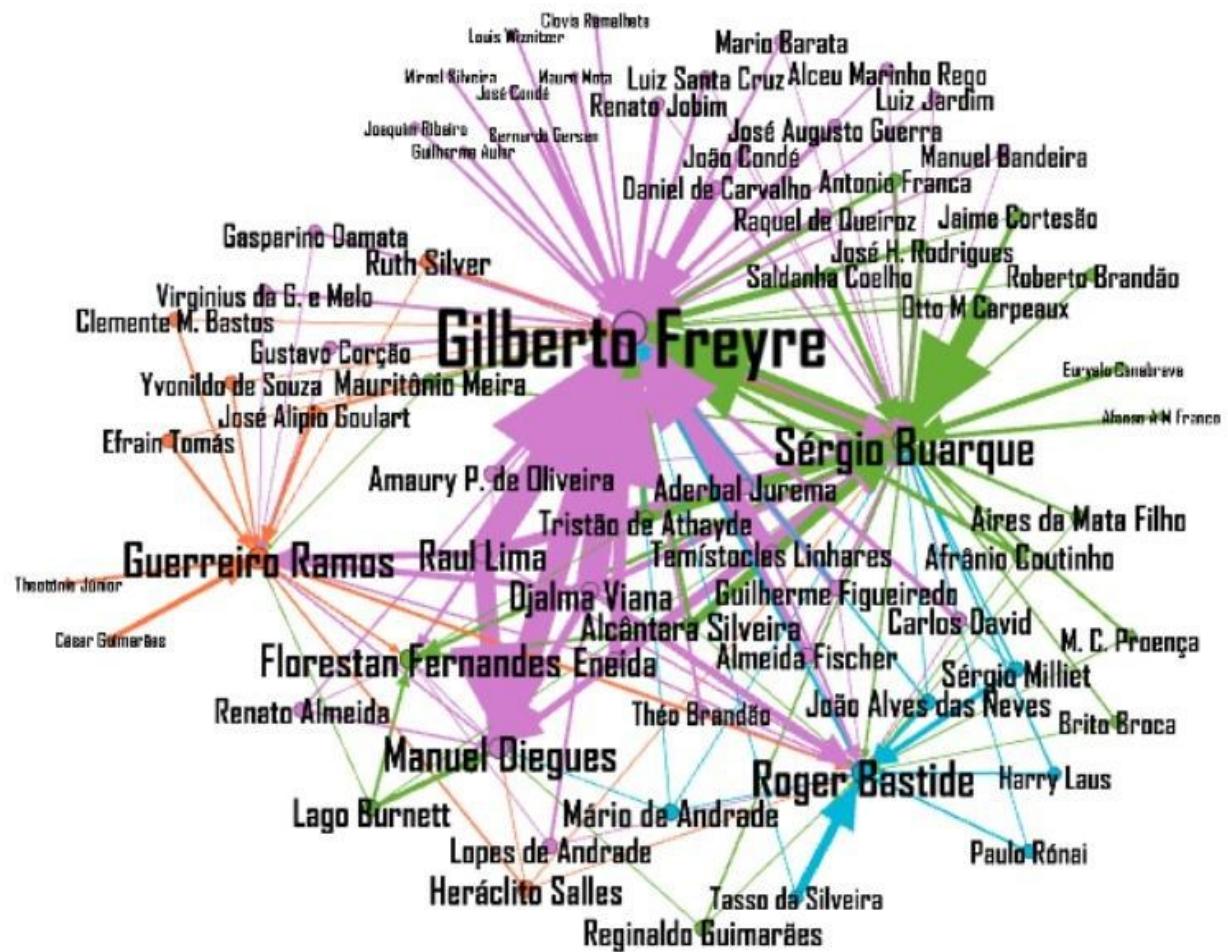
Outra dimensão fundamental da presença dos cientistas sociais na imprensa carioca pode ser dada pela dinâmica das citações aos seus nomes. Essa métrica nos permite apreender formas de reconhecimento, legitimação e diálogo que consolidam os contornos de um circuito e permitem identificar a penetração das ciências sociais no debate público a partir da construção de uma rede de influências e interlocuções no campo intelectual da época. Em nosso registro dos dados, segmentamos as citações feitas aos autores pesquisados por outros intelectuais em textos publicados nos suplementos, excluindo todas as demais menções - como legendas de fotografias, colunas sociais, anúncios de lançamentos ou listagem dos colaboradores (Quadro 2). O resultado obtido mostrou que um total de 268 autores contribuíram para o conjunto de citações identificadas. Para conferir maior consistência analítica à rede de interações, optamos por considerar apenas aqueles que fizeram três ou mais referências aos autores selecionados para este estudo (Gráfico 3).

Quadro 2 - Total de citações em artigos nos Suplementos

Autor	Total
Sérgio Buarque	213
Gilberto Freyre	437
Florestan Fernandes	30
A. Guerreiro Ramos	64
Roger Bastide	79
Manuel Diégues JR	64
<b>Total</b>	<b>887</b>

Gráfico 3 - Rede de Citações





Gilberto Freyre emerge como o autor mais citado, com 437 menções, o que corresponde a quase metade do total e reafirma sua posição de destaque e a influência de sua obra no cenário intelectual brasileiro. Em seguida, Sérgio Buarque de Holanda aparece com 213 citações, resultado também expressivo de seu prestígio e alcance na área. Somados, os dois autores respondem por cerca de 75% do total das referências feitas, consolidando suas posições como personagens centrais no debate público das ciências sociais. Roger Bastide, Manuel Diégues Jr., Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes apresentam números mais modestos. No caso de Florestan, o menos citado, os dados podem revelar uma menor penetração da sociologia feita em São Paulo no ambiente intelectual carioca.

A visualização em rede da presença dos cientistas sociais nos suplementos literários evidencia a centralidade de Gilberto Freyre, que aparece como o principal polo de conexões, articulando interlocutores de diferentes áreas — da literatura e da história à sociologia e à política. De modo geral, é possível identificar quatro comunidades principais,

cada qual representando diferentes círculos de influência e colaboração. A primeira conecta Manuel Diégués Jr. a Gilberto Freyre, evidenciando a interação entre ambos. A posição de Diégués Jr. é particularmente significativa: embora não se configure como centro hegemônico, ele ocupa uma zona de intersecção, estabelecendo vínculos tanto com o cluster freyreano quanto com os núcleos de Bastide e Florestan. Essa localização reforça sua condição de mediador entre tradições diversas, mais voltado à difusão e sistematização do saber do que à formulação de uma tradição própria.

A segunda comunidade agrupa Roger Bastide a críticos literários como Sérgio Milliet e Afrânio Coutinho, refletindo sua atuação voltada para o campo literário. A terceira reúne Sérgio Buarque e outros críticos literários, ressaltando sua presença nesse terreno e, ao mesmo tempo, suas interações com Freyre. Por fim, a quarta comunidade conecta Guerreiro Ramos a intelectuais católicos, revelando uma vertente específica de suas interlocuções. Tanto Florestan Fernandes quanto Guerreiro Ramos surgem como polos críticos, empenhados em delimitar fronteiras disciplinares e tensionar os fundamentos das ciências sociais generalistas; ainda assim, permanecem integrados à rede. Longe de se configurarem como excludentes, essas tensões revelam uma combinação fecunda entre novos especialistas e antigos generalistas, entre cientistas e escritores.

Embora os colaboradores dos suplementos não constituíssem um grupo homogêneo, nota-se uma predominância de intelectuais não especializados — sobretudo críticos literários e escritores — que, por meio de suas citações, estabeleceram pontes entre os cientistas sociais e círculos mais amplos do debate público. Nesse sentido, a sistematização e a especialização das ciências sociais devem ser compreendidas como processos coletivos, marcados pela pluralidade de agentes e linguagens, nos quais a imprensa desempenhou papel fundamental como mediadora e organizadora de um discurso disciplinar ainda em construção. A atuação dos cientistas sociais na imprensa representou, assim, uma forma de negociação produtiva com a figura mais ampla do “escritor” que predominava nos suplementos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora ligados a um contexto específico, os suplementos literários — e a imprensa como um todo — não devem ser compreendidos apenas como instâncias secundárias, mas como suportes estratégicos de comunicação e convencimento em torno de um projeto de ciência e de modernização do país em um momento-chave de mudanças sociais. Essa



relevância se torna ainda mais evidente quando pensamos no papel dos suplementos como canais privilegiados de divulgação da produção intelectual da época. Assim, sua presença deve ser lida como decisiva na consolidação de um espaço público para as ciências sociais no Brasil. A participação dos profissionais da área nos jornais, longe de ser fruto do acaso ou da ausência de alternativas, constituiu uma estratégia ativa de inserção pública e de afirmação da legitimidade de um campo disciplinar em processo de formação.

Ao propor a sistematização como chave de leitura, este trabalho buscou mostrar que o processo de consolidação das ciências sociais no país foi atravessado por múltiplas mediações, sendo a imprensa um dos espaços centrais para sua legitimação como prática científica e intelectual. Nesse sentido, os jornais funcionaram não apenas como arenas de participação pública, mas também como instâncias de definição de critérios, de confronto de orientações disciplinares e de estabelecimento de vínculos entre diferentes tradições do saber. A análise das redes de citação evidenciou que as ciências sociais se articulavam de modo dinâmico com outros campos, como a crítica literária, a história e o folclore. Mais do que institucionalização, interessou-nos destacar um processo de sistematização marcado por interações, negociações e disputas, em contraste com narrativas excessivamente lineares e centradas em figuras individuais.

A recuperação dessa dimensão pública das ciências sociais contribui para o debate contemporâneo sobre o papel social da disciplina. Questões centrais nos anos 1950 — como as desigualdades sociais e as relações raciais — seguem atuais, ainda que atravessadas por novos desafios e mediadas por diferentes formas de circulação do conhecimento. O legado dessa forma de participação pública, portanto, permanece vivo, não apenas como memória, mas como referência para pensar a função crítica e social das ciências sociais hoje.

Por fim, o potencial heurístico da abordagem aqui delineada aponta para desdobramentos futuros, entre eles a investigação do papel desempenhado por intelectuais diletantes, frequentemente relegados pela historiografia, mas que exerceram funções decisivas na mediação dos debates. Nossa hipótese é que as ciências sociais, no período, operaram como um movimento científico-intelectual, capaz de abrigar diferentes formas de participação e oferecer recursos variados para orientar tanto a prática profissional quanto os embates sociais em curso. Vista desse modo, a formação do campo não se reduz a um processo linear de institucionalização, mas se revela como uma sistematização gradual, marcada pela pluralidade de vozes, práticas e repertórios que, mesmo sem consenso pleno, contribuíram para a consolidação de um horizonte disciplinar comum.

## **REFERÊNCIAS**

ABREU, Alzira A. et. al. **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2008.

AMARAL, Glória Carneiro do. **Navette Literária França-Brasil – A crítica de Roger Bastide.** São Paulo: EDUSP, 2010.

AZEVÊDO, Ariston. **A sociología antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos.** 2006. Tese de doutorado - PPGSP/UFSC, Santa Catarina, 2006.

BARBOSA, Francisco de Assis. (org). **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BRASIL JR, Antonio. **La sociología en Río de Janeiro (1930-1970): un debate sobre Estado, democracia y desarrollo.** Sociológica (Méx.), México, v. 32, n. 90, p. 69-107, abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **A sociologia na imprensa brasileira: o caso de Florestan Fernandes (1943-1949),** 2018. “no prelo”.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos.** Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

\_\_\_\_\_. (org). **Capítulos de literatura colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. **Outros Lados: Sérgio Buarque de Holanda, crítica literária, história e política (1920 – 1940).** 2003. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2003.

CAVALCANTI, M. Laura V. de C. & VILHENA, Luis Rodolfo da P. **Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore.** Estudos históricos. Rio de Janeiro, CPDOC, FGV, (3) 5: 75-92, 1990.

COSTA, Marcos. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda. Escritos coligidos – 1920-1979.** São Paulo: Perseu Abramo, 2011.

COSTA, Marcos. (org.). **Sérgio Buarque de Holanda. Para uma nova história.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

COUTO, André Luís F. **O suplemento literário do Diário de Notícias nos anos 50.** Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.



DEMARCHI, Ademir. **Letras e Artes: Suplemento literário do jornal A Manhã.** Travessia, n25, 1992.

DIAS, Maria Odila S. (org). **Sergio Buarque de Holanda, historiador.** São Paulo: Ática, 1985.

DIÉGUES JUNIOR, Manuel. **Folclore e Ciências Sociais.** Diário de Notícias, 17/11/1957.

\_\_\_\_\_. **Os dois Folclores.** Diário de Notícias, 08/03/1953a.

\_\_\_\_\_. **O fato Folclórico.** Diário de Notícias, 26/04/1953b.

\_\_\_\_\_. **Terminologia das Ciências Sociais.** Diário de Notícias, 03/04/1955.

\_\_\_\_\_. **Despedida.** Diário de Notícias, 03/01/1960.

FERREIRA, Marieta de Moraes, **Imprensa e Modernização dos anos 1950: a reforma do Jornal do Brasil.** Anuário Brasileiro de Pesquisa em Jornalismo. São Paulo (2) 141-p, 1993.

GARCIA, Sylvia G. **Folclore e sociologia em Florestan Fernandes.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(2): 143-167, novembro de 2001

\_\_\_\_\_. **Destino ímpar: sobre a formação de Florestan Fernandes.** São Paulo: Ed. 34, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Tentativas de mitologia.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Novos Rumos da Sociologia.** Diário de Notícias, 03/10/1948a.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade Tupinambá I.** Diário de Notícias, 30/10/1949.

\_\_\_\_\_. **A propósito de ingleses no Brasil.** Diário de Notícias, 25/09/1949.

\_\_\_\_\_. **Universalismo e provincianismo na crítica.** Diário de Notícias, 07/11/1948b.

JACKSON, Luiz C.. **A sociologia paulista nas revistas especializadas (1940-1965).** Tempo Social, 16(1), pp. 263-283, 2004.

LIMA, Marcelo. **Jornalismo cultural e crítica: A literatura brasileira no Suplemento Mais!** Curitiba: Editora UFPR; Chapecó: ARGOS, 2013.

LORENZOTTI, Elizabeth S. **Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento: Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956-1974).** Dissertação de mestrado. ECA/USP, São Paulo, 2002.

MACIEL, Ricardo. **“Especialistas e Amadores”: A Sociologia nos Suplementos Literários (1940 – 1969).** Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, RJ., 2024.



MESQUITA, Cláudia. **A Cidade em Pauta: imprensa e modernidade carioca nos anos 1950.** Intellèctus, Ano XIX, n2, 2020.

MICELI, Sergio. **Condicionantes do desenvolvimento das Ciências Sociais.** In: \_\_\_\_\_ (Org.) História das ciências sociais no Brasil, Vol. 1. São Paulo: IDESP, 1989.

MAIO, M. C.. **O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 14, n. 41, p. 141–158, out. 1999.

PEIRANO, Mariza. **As Ciências Sociais e Os Estudos de Folclore. A Legitimidade do Folclore.** Seminário Folclore e Cultura Popular/Instituto Nacional do Folclore. Coordenadoria de Estudos e Pesquisas.- Rio de Janeiro: IBAC, 1992.

PERLATTO, Fernando. **A imaginação sociológica brasileira: a sociologia no Brasil e sua vocação pública.** Curitiba: CRV, 2016.

PERLATTO, Fernando; MAIA, João Marcelo. **Qual sociologia pública?: uma visão a partir da periferia.** Lua Nova, São Paulo , n. 87, p. 83-112, 2012.

PONTES, Heloísa. **Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968).** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PRADO, Antonio Arnoni. (org). **O espírito e a letra.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50.** 2000. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

SANTIAGO, Silviano. **Crítica literária e jornal na pós-modernidade.** IAletria: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11 -17, out.1993.

SCHNEIDER, Alberto L. **Gilberto Freyre na imprensa: a coluna “Pessoas, Coisas e Animais” na revista O Cruzeiro (1948-1967).** Revista de História, São Paulo, n.182, p. a01923, 2023.

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. **A crítica bandeirante (1920-1950).** Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SERRANO, Pedro Bueno de Melo. **A crítica carioca (1920-1950).** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SILVEIRA, Alcantara. **São Paulo nas Letras e nas Artes.** A Manhã, 19/12/1948.

VILLAS BÔAS, Gláucia. **A vocação das Ciências Sociais. Um estudo de sua produção em livro (1945-1966).** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007.



\_\_\_\_\_. **Mudança provocada: passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro.**  
Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a.

\_\_\_\_\_. **A Recepção da Sociologia Alemã no Brasil.** Rio de Janeiro, Topbooks, 2006b.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e Missão. O Movimento Folclórico Brasileiro, 1947-1964.** Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getulio Vargas, 1997.



## NOTAS

### HISTÓRICO

Recebido em: 25/05/2025  
Aprovado em: 03/10/2025  
Publicado em: 27/10/2025

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

